



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



**Agcom**  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**16, 17 e 18 de janeiro de 2016**

**Notícias do Dia**  
**Carlos Damião**  
"Cadê o mel?"

Cadê o mel? / Movimento Ecológico Livre / UFSC / Udesc

### Cadê o MEL?

Sempre que se discutem situações complicadas do ponto de vista ambiental me vem à cabeça uma dúvida: por onde andará o pessoal do MEL (Movimento Ecológico Livre), que era formado por estudantes da UFSC e Udesc? Na década de 1980, o MEL advertia para os sérios riscos que corríamos, não só ambientais, como também urbanísticos. Seus militantes eram chamados de ecochatos, porque queriam impedir o desenvolvimento local. Mas eles faziam a diferença.

## Diário Catarinense - Nós "Nos limites da cegueira"

Nos limites da cegueira / Balneabilidade / Praias / Litoral catarinense / Florianópolis / Vigilância Epidemiológica / Ingleses / Canasvieiras / Ponta das Canas / Fundação do Meio Ambiente / Fatma / Unidade de Pronto Atendimento do Norte da Ilha / Escheveria coli / Cachoeira do Bom Jesus / Rio do Braz / Companhia Catarinense de Água e Saneamento / Casan / Ensaio sobre a Cegueira / José Saramago / Fernando Meirelles / Santa & Bela Catarina / Campeche / Dalmir Santos / Índice de Competitividade do Turismo Nacional / Sebrae / Fundação Getúlio Vargas / Meio ambiente / Daniel Silva / Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental / UFSC / Projeto Limpeza dos Mares em 2014 e 2015 / Associação Náutica Catarinense para o Brasil / Acatmar / Barra da Lagoa / Palmas / Governador Celso Ramos / Mané Ferrari / Prainha do Farol de Santa Marta / Laguna

# NOS LIMITES DA CEGUEIRA

**A FALTA DE balneabilidade das praias desperta a reflexão sobre os impactos da exploração do litoral catarinense e cobra a responsabilidade de quem vive, visita, governa, fiscaliza ou empreende no Estado**

EMERSON GASPERIN  
emerson.gasperin@diariocatarinense.com.br

**O**vômito e a diarreia vieram fortes. Da penúltima semana de 2015 a primeira deste ano, o número de casos de virose identificados pelos dois sintomas em Florianópolis pulou de 200 para 1,2 mil. Embora a Vigilância Epidemiológica não tenha atribuído o surto – atípico mesmo para uma época em que costumam aumentar as ocorrências – a algum fator específico, tudo aponta para o contato com águas impróprias como o motivo determinante. Mas o que elevou os níveis de coliformes fecais desperta a reflexão sobre os limites da exploração do litoral catarinense.

Cerca de 70% das pessoas infectadas frequentaram praias, principalmente Ingleses (32%), Canasvieiras (20%) e Ponta das Canas (11%). Todas apresentaram contaminação acima do normal segundo relatório da Fundação do Meio Ambiente (Fatma) que analisou a balneabilidade de 208 pontos no Estado de 4 a 7 de janeiro. Somente entre os dias 7 e 9, 215 pessoas com quadro de gastroenterite foram atendidas na Unidade de Pronto Atendimento do norte da Ilha, onde ficam as três praias citadas.

A avaliação mais crítica ocorreu em Canasvieiras. Seus oito pontos monitorados foram reprovados pelo levantamento. Nenhum pedaço de sua extensão era recomendável para um banho sequer. Segundo a Fatma, a razão para a proliferação das bactérias *Escheveria coli* é o esgoto despejado diretamente no mar. Mais da metade (51,6%) dos 3.010 imóveis inspecionados pela prefeitura no bairro nos últimos dois anos não possui ligações de esgotamento sanitário regulares. Na vizinha Cachoeira do Bom Jesus, o índice chega a 57%. Os proprietários são notificados e, se não se mexerem, multados. Em 2015, foram 45 mil notificações no norte da Ilha.

O rio do Braz se tornou um símbolo da degradação. Para conter o avanço de suas águas poluídas pelo descarte de dejetos, a prefeitura recompôs a faixa de areia que o separa do mar de Canasvieiras. Na madrugada de sexta-feira, uma chuva forte desmanchou a contenção e o esgoto voltou a jorrar forte na praia. Um cheiro podre tomou conta da área, dando sinal inequívoco de algo não estava bem.

A Companhia Catarinense de Água e Saneamento (Casan) anunciou que irá implantar mais uma bomba para ampliar o fluxo de dejetos até a estação de tratamento. Completando o pacote de medidas paliativas, serão lacradas as saídas de esgoto dos imóveis não conectadas a rede. São 28 unidades comerciais, cujos donos já foram notificados e multados, mas ainda não se adequaram.

Como no romance *Ensaio sobre a Cegueira*

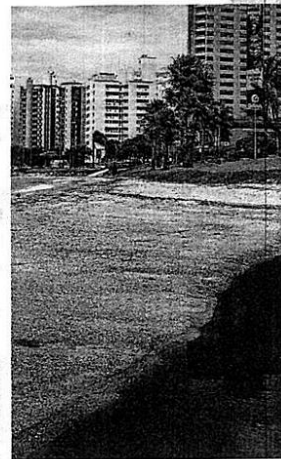
ra, em que a súbita perda da visão em um motorista contagia a população e provoca o caos, a situação verificada no início de 2016 na capital põe em xeque o nosso tão propagado "padrão de primeiro mundo". No livro do português José Saramago (adaptado para o cinema pelo diretor Fernando Meirelles), a disseminação da "treva branca" acentua um mundo já sombrio. Na Santa & Bela Catarina, as bandeirinhas vermelhas vetando 71 pontos da orla em plena temporada revelam que cada um – poder público, iniciativa privada e indivíduo, seja morador ou turista – tem sua parcela de responsabilidade para que chegassemos a esse estágio.

**E** enquanto na ficção escrita pelo prêmio Nobel de literatura o fato que desencadeou a história surgiu de repente, na realidade catarinense as causas e consequências são bastante conhecidas. Pelo menos desde 2001, relatórios da Fatma denunciam que a balneabilidade em Canasvieiras está condenada nas imediações do rio do Braz. No lado oposto da Ilha, o Riozinho, no Campeche, está limpo. O curso d'água que batiza o badalado point, no entanto, vinha oscilando entre próprio e impróprio desde 2012, até ser dado como inapropriado em todas as medições de 2015.

Aqui sempre teve poluição. Quando começaram a fazer os condomínios, aumentou. Desconfio que tem gente que despeja o esgoto à noite, porque pela manhã exala um cheiro forte – diz o nativo Dalmir Santos, 53 anos, lembrando que até meados da década de 1980 cansou de tomar banho no Riozinho com então "dois, três metros de profundidade". Hoje a água bate no joelho, se tanto.

Não à toa, na edição 2015 do Índice de Competitividade do Turismo Nacional, elaborado pelo ministério do setor em parceria com o Sebrae e a Fundação Getúlio Vargas para fornecer um retrato detalhado de 65 destinos indutores, Florianópolis não apareceu entre os 10 mais bem-posicionados em sete dos 13 indicadores aferidos. Um deles foi "aspectos ambientais", que abrange estrutura e legislação municipal de meio ambiente, atividades em curso potencialmente poluidoras, rede pública de distribuição de água, rede pública de coleta e tratamento de esgoto, coleta e destinação pública de resíduos, patrimônio natural e unidades de conservação no território municipal.

Conforme o professor Daniel Silva, do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC, considerando-se apenas a atividade turística, a quantidade de visitantes a ser recebida deve ser definida por estudos de capacidade de suporte do ambiente. Isso implica exatamente nos critérios levados em conta na modalidade em que Florianópolis deixou a desejar.



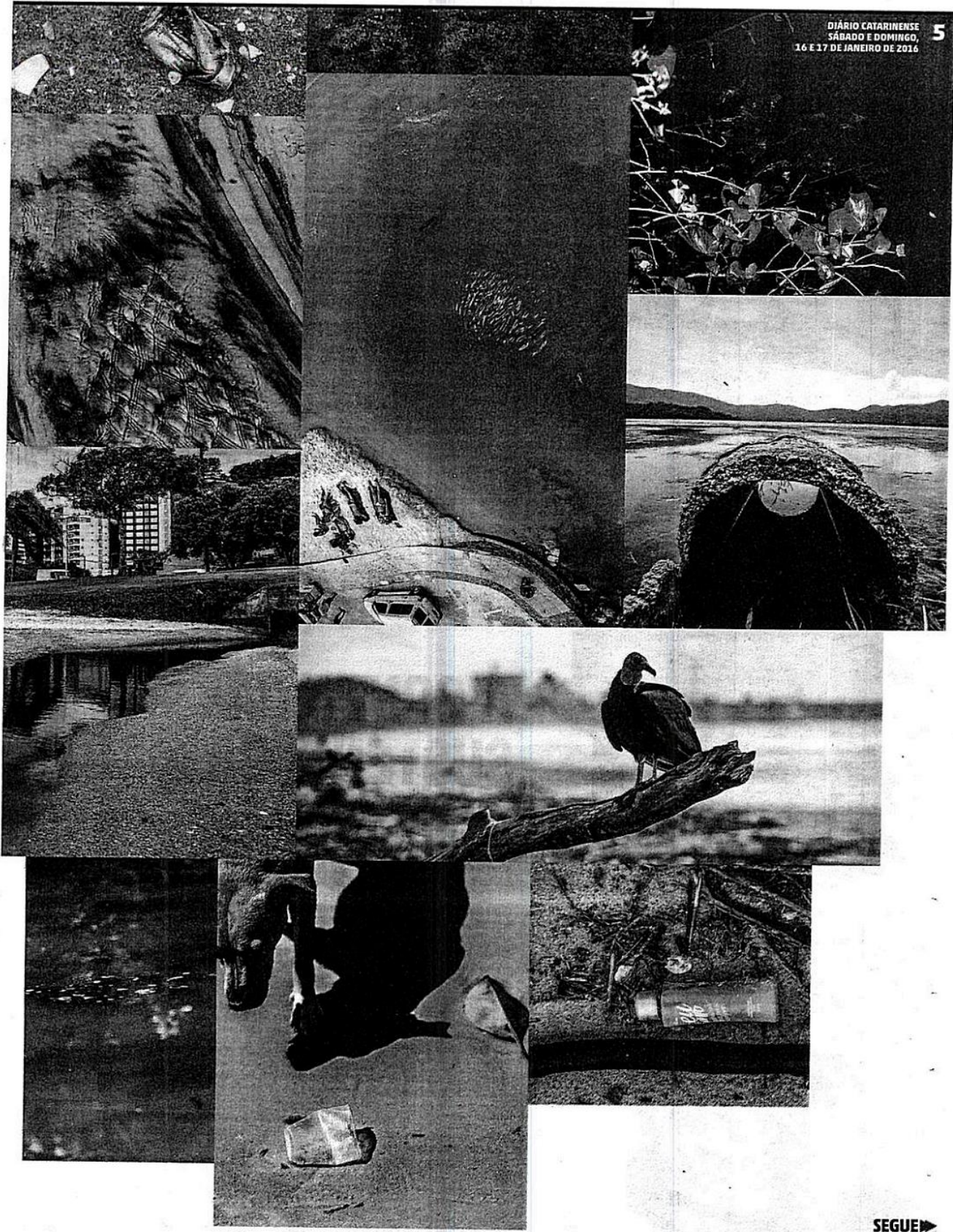
– Portanto, o que estamos vivendo neste verão é resultado dessa falta dessa infraestrutura permanente e de uma cultura sustentável da economia do turismo. Pensar que a improvisação na recepção aos turistas pode resolver porque se trata de uma demanda sazonal é exatamente o limite que está nos levando ao colapso – alardeia.

Não é só o esgoto que preocupa. Em seis etapas do projeto Limpeza dos Mares em 2014 e 2015, a Associação Náutica Catarinense para o Brasil (Acatmar) recolheu 23 toneladas de lixo. Destas, 10 foram retiradas do fundo do canal da Barra da Lagoa, em Florianópolis, e sete da praia de Palmas, em Governador Celso Ramos.

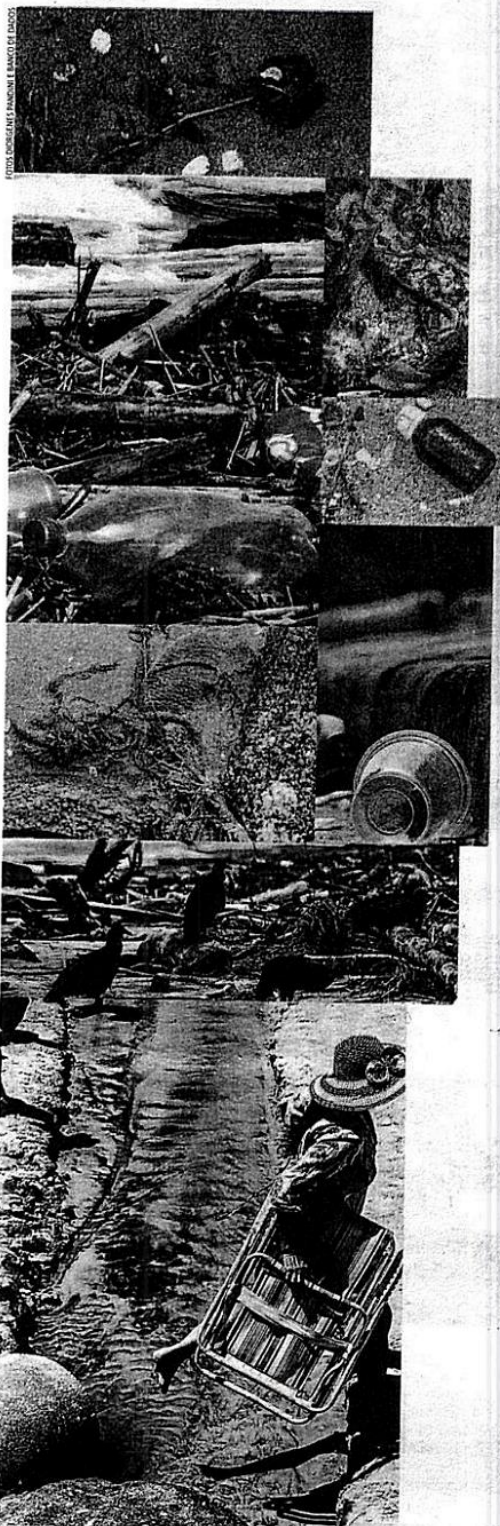
– Encontramos gabinetes de computador, carrinhos de bebê, televisões – afirma o presidente Mané Ferrari.

**S**aindo da capital, a Prainha do Farol de Santa Marta, em Laguna, um paraíso alternativo nos anos 1970, também atravessou o ano passado inteirinha sem









condições de balneabilidade. A placa que avisa isso, porém, foi arrancada. No local vivem 3 mil pessoas, que passam de 10 mil na temporada. Os nativos falam que 12 loteamentos estão previstos nos arredores, somando 6 mil lotes – muitos dele desrespeitando áreas de preservação permanente, nascentes de água e sambaquis. Um dos quais, inclusive, pertence a Ronaldinho Gaúcho, que comprou 47 hectares na localidade de Campos Verdes.

A perspectiva de ver seu reduto ameaçado, além de pelos detritos lançados a céu aberto pelo impacto que haverá se todos esses empreendimentos se confirmarem sem o cumprimento das regras estabelecidas, lança uma série de dúvidas entre os moradores.

– Será que vai haver água potável para todos? As comunidades tradicionais serão descaracterizadas? E o lixo de toda essa galera? – pergunta o biólogo Reinaldo Langer Jaeger, presidente da associação de surf local e integrante do Movimento Natural e Cultural da cidade (MNCL).

Para o gaúcho de 34 anos que, de tanto viajar para o Farol para pegar onda em 2008 se mudou de prancha e cuia para lá, são questões que não incomodam um ti-

po de turista: “Aquele que, tendo cerveja e som alto, tanto faz se há cheiro de cocô”. A prefeitura garante que o tema esgoto está na pauta. De acordo com o secretário municipal de Turismo, Lazer e Comunicação, Iberê Aguiar Jaques, a intenção é que o saneamento chegue assim que forem concluídas as obras em andamento em outros bairros da cidade. No Mar Grosso, a

fiscalização está lucrando os imóveis sem ligação na rede.

– Criou-se no Brasil, uma espécie de pragmatismo às avessas, onde toda a situação de calamidade em que vivemos, por exemplo no saneamento, na mobilidade e na segurança, são tidas quase como naturais, quase como resultados inevitáveis do crescimento. É falso: a crise é de planejamento, de enfrentamento e não do desenvolvimento – comenta o arquiteto

e urbanista Dalmó Vieira Filho, superintendente do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis de 2013 a abril de 2015.

O receio dele é de que situações experimentadas somente nas semanas de pico da temporada virem nosso cotidiano daqui a alguns anos se nada for feito. Ou, como escreveu Samaramo, “a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam”.

**A PRAINHA DO FAROL DE SANTA MARTA, EM LAGUNA, UM PARAÍSO ALTERNATIVO NOS ANOS 70, ESTÁ SEM BALNEABILIDADE – E TAMBÉM SEM A PLACA QUE AVISA ISSO, JÁ QUE ELA FOI ARRANCADA**

## A CONTA DA SUSTENTABILIDADE

A pedido da reportagem, o professor Daniel Silva, do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC, calculou as necessidades de 1 milhão de pessoas – como volta e meia é estimada a população de Florianópolis na temporada – a sugeriu potenciais soluções sustentáveis para supri-las:

**Abastecimento de água** – Seriam precisos 200 milhões de litros por dia, algo em torno de 2,3 mil litros por segundo. É o dobro da atual captação na fonte que abastece grande parte da cidade, a bacia do rio Cubatão, em Santo Amaro da Imperatriz, na Grande Florianópolis. As estratégias englobariam a redução das perdas que são de quase 40% para patamares de um dígito e a proteção dos aquíferos e nascentes com a perspectiva de aumentar a capacidade de autonomia de oferta de água a partir da própria ilha, hoje dependente sobretudo da Lagoa do Peri.

**Esgotamento sanitário** – Para cada litro de água fornecido e usado pelas pessoas seria gerado um litro de esgoto. Ou seja, 200 milhões de litros diários e uma capacidade de tratamento de 2,3 mil litros por segundo, algo fora de cogitação atualmente. Uma saída seria a adoção das pequenas estações de tratamento já utilizadas pela Casan, combinada com tecnologias ambientais descentralizadas por bairros e maior eficiência do controle e operação, sem o uso de emissários.

**Resíduos sólidos** – A dificuldade estaria em encontrar sítios disponíveis para mais aterros

sanitários na região metropolitana, para onde é levada a totalidade dos resíduos sólidos provenientes da ilha. A receita, nesse caso, exigiria uma mudança cultural (e radical) no consumo, impactando na produção e no tratamento daquilo que iria se jogar fora. Como? Estimulando as comunidades a consumir menos materiais descartáveis e a fazer reciclagem. Afinal, 90% do lixo que produzimos são restos orgânicos e matérias recicláveis como papel, plástico, alumínio, ferro e vidro.

**Drenagem pluvial urbana** – Com a educação ambiental e a governança local, a comunidade poderia fazer a manutenção. Entretanto, o sistema todo iria requerer uma redefinição das dimensões das canalizações quanto de logística de escoamento. As dimensões atuais são insuficientes para as chuvas intensas e o direcionamento para os antigos córregos que hoje estão contaminados também não é mais seguro. Teria que se construir sumidouros e revitalizar as inúmeras pequenas lagoas e lagoas da ilha para receber as águas superficiais que hoje estão perdidas pela cidade por escoarem completamente fora de seus cursos naturais. ■

# CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 16/01/2016

[Farmácia da UFSC voltará a agendar atendimentos a partir de segunda-feira](#)

[UFSC prorroga inscrições de 49 vagas em concurso para professor](#)

[Primeiros na classificação relatam emoção de passar na UEPG](#)

Notícias dia 17/01/2016

[UFSC prorroga inscrições de 49 vagas em concurso para professor](#)

[Você viu? Aprovados no Vestibular da UFSC e outras notícias da semana](#)

Notícias dia 18/01/2016

[Coperve divulga lista dos classificados às vagas suplementares para negros](#)

[Farmácia Escola da UFSC volta a atender em esquema de agendamento](#)

[TV UFSC apresenta programa sobre as fortalezas da Ilha de Santa Catarina](#)

[UFSC divulga lista dos classificados às vagas suplementares para negros](#)

[Diatribes ao Código de Processo Civil de 2015 \(primeira parte\)](#)